Data: 22.01.2019
Titulo: A esquerda à esquerda é a casa do Bloco
Pub: Público
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 10

QuickCom comunicação integrada

Área: 627cm²/ 67%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6357081

# A esquerda à esquerda é a casa do Bloco

Catarina Martins considerou a classificação do BE como "extrema-esquerda" um "insulto". Hoje, a direita não apresenta o Governo como "extremista", mas como de "esquerdas unidas" ou "esquerdas encostadas"

Catarina Martins posicionou o BE como partido que quer governar

## Ideologia

Nuno Ribeiro

Da espuma da informação e da exiguidade de uma resposta, nasceu na semana passada um pequeno imbróglio semântico e político. Não fora a crise do PSD e os agentes políticos, analistas e comentadores andariam de bússola na mão ou do mais moderno GPS no telemóvel a percorrerem os campos partidários. O PÚBLICO ouviu especialistas que apontam para a localização do Bloco de Esquerda na floresta ideológica: a esquerda à esquerda é a sua casa.

"A extrema-esquerda desenvolveu-se em finais do século XIX e no século XX entre os que consideravam que a transformação social só podia ser feita por via revolucionária, envolvendo luta armada e violência, e não respeitando as constituições e a democracia, tal como a extrema-direita", explica o sociólogo Boaventura Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

"A maior parte do movimento de extrema-esquerda que, no fundamental, nasceu nos anos 60 do século passado, correspondia à tripla dimensão de uma interpretação revolucionária do marxismo, de uma prática política de esquerda revolucionária, frente à integração da maior parte dos partidos comunistas na ordem democrática e no reformismo", refere o politólogo António Costa Pinto, do Instituto de Ciências Sociais: "O terceiro elemento é a emergência de novos actores sociais na luta anticapitalista, como os estudantes, não apenas na crítica à economia do mercado mas ao capitalismo."

Estas precisões decorrem da entre-

Área: 627cm²/ 67%
Tiragem: 72.253
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6357081

vista de dia 15 ao Observador na qual a coordenadora do Bloco considerou o epíteto extrema-esquerda um insulto ao BE. Catarina Martins disse preferir a designação esquerda radical.

"Na Ciência Política, depois da queda do Muro de Berlim, há uma distinção entre extrema-esquerda e a esquerda radical", pondera André Freire, do departamento de Ciência Política e de Políticas Públicas, do ISCTE, e autor de *A Esquerda Radical em Portugal e na Europa*. "A extrema-esquerda", prossegue André Freire, "seria a esquerda comunista não renovada, ortodoxa, ligada à URSS e que nunca fez uma crítica à realidade soviética. Os outros, como o BE, formados a partir da Política XXI – de ex-PCP, como Miguel Portas e outros –, do PSR e dos maoístas, fizeram uma crítica à herança totalitária".

Boaventura Sousa Santos aprofunda a divisão. "Faz sentido falar de esquerda radical para distinguir da esquerda mais moderada, mas deixou de haver uma esquerda que não aceita as instituições", salienta. Em São Bento todas as esquerdas –PS, BE, PCP – estão no Parlamento, nas instituições e apoiam o Governo de António Costa. "O elemento radical não me diz muito", confessa o sociólogo de Coimbra. "A designação mais feliz seria a esquerda à esquerda", concluiu. Tendo como meridiano o PS.

**"O Bloco nunca se chamou extrema-esquerda. São a direita e o PS que têm muita vantagem neste debate de rasteira**

**Francisco Louçã**
Ex-líder do PSR e do BE

"O crescimento do Bloco vem da desilusão das políticas do PS, sobretudo aquando do referendo do aborto, e até há pouco tempo os militantes estavam mais à esquerda do que os dirigentes", recorda Costa Pinto. "Havia uma componente revolucionária que foi assumindo um carácter de esquerda socialista democrática", descreve. "No núcleo dirigente, a marca do marxismo, como a do anticapitalismo, é muito diminuta, o BE foi-se transformando num partido cada vez mais eleitoral e com uma pequena ligação aos movimentos sociais", conclui.

"O extremismo tem a conotação de menor propensão para o compromisso com os sociais-democratas, a esquerda radical está mais disposta", observa André Freire. Desde os acordos à esquerda de Novembro de 2015, esta definição ganhou a densidade de um apoio a um executivo minoritário.

É certo que, quando o BE entrou no Parlamento, em 1999, sentou-se no hemiciclo à esquerda do PCP e por lá ficou. Mas, na XI Convenção de Novembro passado, a moção aprovada de Catarina Martins, Luís Filipe Soares e Marisa Matias, assumiu que o Bloco quer ser força de Governo em 2019, distanciou-se da posição extremista e afirmou a disponibilidade para novo compromisso.

"O Bloco nunca se chamou extrema-esquerda. São a direita e o PS que têm muita vantagem neste debate de rasteira", sintetizou, ao PÚBLICO, Francisco Louçã. Um dos mais reconhecidos fundadores e primeiro deputado do partido, Louçã considera irrelevante essa questão. "A entrevista [de Catarina Martins] é interessante pelas questões de Saúde e Educação."

"A resposta de Catarina Martins foi muito bem formulada, é um dado adquirido e pacífico que não somos da extrema-esquerda mas da esquerda radical", considerou, por seu lado, Luís Fazenda, outro dos fundadores do Bloco vindo da UDP [União Democrática Popular]. "Nem a UDP se considerou de extrema-esquerda", sublinhou, referindo-se à representação parlamentar que teve e à presença nas autarquias

Com o apoio ao executivo de Costa, a direita que assim perdeu o poder, sobretudo o PSD o partido mais votado nas eleições de 2015, disparou a sua artilharia contra o Governo da extrema-esquerda. No tradicional simplismo dos *slogans*, o CDS de Assunção Cristas foi mais engenhoso: "esquerdas unidas" ou "esquerdas encostadas" têm sido os epítetos utilizados.

nuno.ribeiro@publico.pt